



MESQUITA DE VISAPOR.

Visapor, que muitos escrevem Bedjapour, é uma cidade na região do mesmo nome, comprehendida na parte do Indostão pertencente à Grã-Bretanha e que confina as possessões portuguezas. Todo esse dilatado territorio, a que geralmente chamam Visapor, divide-se em tres dominios, portuguez, inglez, e tributario dos inglezes. O primeiro faz parte do nosso estado da India, contendo as provincias de Goa, e as de Bardez e Salsete, com as Novas Conquistas, assim ditas por serem adquiridas posteriormente ás outras; o segundo occupa a península de Bombaim repartida nos cinco districtos de Konkan septentrional e meridional, Bedjapour proprio, Anagoundi, Darouar; o terceiro consta do Kolapour, o reino de Satarah, e uma provincia do Decan. Todos juntos terão sete milhões de habitantes.

A cidade de Visapor, distante de Bombaim obra de 60 leguas, foi n'outras eras mui vasta e opulenta, encerrando para mais de um milhar de casas, e de tudo isto proveio chamarem-lhe a Palmyra da India: actualmente está reduzida a uma immensa aggregação de ruinas, entre as quaes ainda avultam alguns famosos monumentos, como a mesquita de Mustapha-Khan, acima desenhada, que no grandioso e esbelto de sua structura é um specimen notavel da architectura sarracena. M.

BERÇO IMPERIAL.

O berço que a cidade de Paris offereceu de presente ao filho de Luiz Napoleão, imperador dos francezes, tem a forma de um navio, que é a pro-

minente do brazão d'armas de Paris. Na proa ha uma aguia com as azas estendidas, e na popa uma figura que representa a cidade coberta com um manto de ouro, com os braços de prata erguidos sobre a cabeça, sustentando uma corôa imperial. Ao pé da estatua estão duas deidades marinhas na acção de olhar como protegendo o berço; por baixo e em cada angulo umas serpeas com azas enlaçam em numerosas espiraes as roseas de suas caudas, recamadas de escamas esmaltadas de varias côres.

Nos costados, quatro medalhões de esmalte azul representam as virtudes cardaes dos príncipes: a força, a vigilancia, a prudencia, e a justiça.

Os materiaes empregados na construcção d'esta rica e primorosa obra são: pau rosa, ouro, esmalte, e prata oxidada, o effeito que produzem é exquisito e elegantissimo. É trabalho que dá muita honra a fabrica Froment — Maurice, que o desempenhou cabalmente. M.

Tres muitos e tres poucos são bastante perjudiciaes ao homem: muito fallar e pouco saber, muito gastar e pouco ter, muito obrar e pouco antever.

A paciencia tem a condição do dinheiro; com ella se consegue muitas vezes o que se deseja: o homem dotado de paciencia é senhor de si mesmo e vive feliz; mas o insoffrido causa mil desgraças a si e a sua familia.

A belleza produz o amor no coração do homem; porém, para que o amor se perpetue é preciso boa indole da parte da mulher.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO X.

(Continuação).

Tratei de voltar ao Porto, mas desejava ir por terra se houvesse outro genero de transporte differente do Carroção. Sahi do hotel e fui seguindo duas senhoras e um cavalheiro que se encaminhavam para a banda da cidade. Chegando proximo á praia do desembarque metterem-se todos tres em uma caleche descoberta, e o cocheiro chegou-se a mim de chapéu na mão; «V. S.^a não vai?» A pergunta era bem simples, e com tudo deixou-me embaraçadissimo. A caleche seria publica, ou pertencia áquella familia cujo creado vendo-me a acompanhá-la me tomava por conhecido ou visita de seus amos? Eu era estranho na terra; e ignorava completamente que houvesse carros de aluguel com uma apparencia tão lisongeira como a do que tinha á vista! O cocheiro esperava uma resposta, e as senhoras olhavam para mim visivelmente mortificadas com a demora da minha hesitação, ou, como então pensei, extranhando a pergunta do cocheiro. Se eu recusasse perdia a occasião, talvez unica de ir por terra, mas se accitasse expunha-me a que, não sendo a carruagem de aluguel, me não deixassem embarcar n'ella. De todos os modos a situação era desagradavel. E bastava uma palavra para me por á vontade; Esse carro é de aluguel? Sim, ou não, e ficava sabendo o que devia fazer. Mas o demonio do amor proprio, quasi sempre tão mal cabido e tão ridiculo como n'esta occasião, impedia-me de obrar. Confessar-me ignorante d'uma cousa tão vulgar, como era o saber se haviam carros de aluguel do Porto para a Foz, e confessar essa ignorancia diante de duas raparigas, isso nunca! Que importava que eu fosse estrangeiro, e que tivesse toda a razão para ignorar semelhante coisa? Façam lá raciocinios á vaidade estúpida d'um... «V. S.^a não vêem?» tornara o cocheiro. Foram-se-me todas as considerações; perdi a cabeça, esqueci-me das conveniencias e da boa educação, e saltei para dentro da caleche, sem cumprimentar ninguém.

Os cavallos partiram a meio galope; as senhoras olhavam para mim, feridas naturalmente da minha pouca delicadeza; eu sentia uma certa humilhação por me parecer que a minha situação não estava definida, e cada vez supunha mais, não sei com que razões que inventava, que a caleche pertencia áquella familia. Subio-me ás faces um calor extraordinario; desejava dar desculpas e não me atrevia a fazel-o; sentia uma inquietação atroz. Tirei o chapéu para receber o ar livre na cabeça e comecei por fim a julgar-me o heroe d'uma aventura. Esta idéa causou-me tanto praser que deixei cair o chapéu na estrada e não dei por isso. O homem que acompanhava as duas senhoras gritou ao cocheiro que parasse. Sentindo os cavallos estacar de repente, eu fiz o gesto de de pôr o chapéu na cabeça, como se o tivesse na mão. As minhas companheiras fizeram-se roxas para não cometerem a indiscripção de dar uma gargalhada. O cavalheiro disse-me tranquilamente: «É por causa do seu chapéu, que paramos. Cheer up! unlucky! esclamei eu furioso afrancando um punhado de cabellos da minha cabeça. C'est un Anglais!» murmurou uma das minhas visinhas quasi soffocada de riso. *Morbleu! mes dames! moquez-vous bien de moi! je ne me fache pas; au contraire. Oh! que je suis malheureux!*... As minhas companheiras olharam uma para

a outra em quanto o bolieiro me restituia o meu chapéu, e hesitaram se deviam rir ou ficar serias. O cavalheiro perguntou-me em portuguez se eu era francez. Sentí uma grande humilhação por que me lembrou logo que a pergunta nascera talvez de alguma sillabada minha. E ainda me custou mais, o saber que eram portuguezas as que eu começava a supor verdadeiras Parisienses, quando me preparava para assassinar a lingua espirituosa de Xavier de Maistre no tom mais sentimental de Sterne.

Tenho a honra de ser portuguez; respondi eu distrahidamente. O caleche começou a rodar de novo. Nenhum de nós dava palavra: eu conhecia com tudo a necessidade de falar, mas não podia. Estavamos proximos á cidade; ia-mos separar-nos, e eu ficava tido por um original ridiculo, além de malcreado que não sei se era peor. As caras mais alegres das raparigas animavam-me a dar ou pedir explicações. A fisionomia severa e o olhar crítico do homem gelavam-me. Lembrei-me da viagem de Sterne, quando la Fleur o obrigou a escrever uma carta a madame de L... Sterne fez e rasgou vinte cartas para dar uma desculpa; achava banal tudo quanto escreveu, e por fim serviu-se da carta d'um cabo d'esquadra mudando as setas em grelhas. Tudo quanto me lembrava para desculpa era miseravel e d'uma pobreza de imaginação que fazia dó! Eu não tinha como Yoric a carta d'um cabo de esquadra para copiar. . . oh! se tivesse ao menos aquelle cavallinho que atirou tres vezes a terra com la Fleur! saía d'esta maldita caleche ainda que tivesse de cair como o creado do Inglez! Em fim, não ha remedio senão falar; estamos em Maçarellos e dentro em pouco já será tarde. «Minhas senhoras, peço mil perdões pela falta de delicadeza que cometti de não as cumprimentar quando entrei, e pela má companhia... «Pára ahí!» bradou ao bolieiro o homem, que me gelava com o seu ar de moralista façanhudo. O carro parou, e o bolieiro apeando-se veio abrir a portinhola. Cuidei que os meus companheiros iam descer, e dezejando reparar por uma polidez esmerada as minhas passadas inconveniencias, saltei ao chão para offerecer a mão ás senhoras. Apenas me apeei o cocheiro fechou a portinhola e o homem de dentro mandou andar. Fiquei estupefacto! Era posto fóra do caleche sem saber por que! Que demonio fiz eu? Quando me vou justificar pagam-me a minha grosseria com outra maior! Está claro que o carro é d'elles, mas porque m'o não disseram? Porque me deixaram embarcar! Deviam saber que se me metti na caleche é por que a supunha de aluguel!... aquellê homem é um bruto! Em quanto fazia estas lucidas observações o cocheiro estava de chapéu na mão, prestes a montar de novo. Ao menos, pensei eu, é mais bem creado do que seus amos! Metti a mão na algibeira e dei-lhe um pezo mexicano ás escondidas, para não ofender a susceptibilidade do patrão. Feita esta acção que na valeu quatro cortezas enormes da parte do bolieiro, cumprimentei as senhoras, e parti a pé na mesma direcção que elles tomaram em caleche.

Dous dias depois fui apresentado a esta mesma familia, que me fez o favor de se lembrar de mim, e que me fazia a honra de conhecer por tradição o meu obscuro nome. No meio da conversação veio a historia da nossa viagem da Foz, e o cavalheiro de quem eu temera tanto o ar severo agradeceu-me com certa ironia a bondade que eu tinha tido de lhe pagar o transporte. Como assim? perguntei admirado. «Quando quiz pagar, respondeu o cavalheiro, o laçao disse-me que o sr. já lhe havia pago, mas como V. S.^a não

era meu conhecido e eu não acceto similhantes favores, sobre tudo de quem me não conhece, obriguei-o a receber o dinheiro.» A gargalhada que eu soltei chamou a attenção geral e tive a honra de divertir o auditorio com a narração das minhas apprehensões, sobre tudo as minhas companheiras de viagem riam com um prazer a que eu correspondia da melhor vontade. Quando souberam a causa da minha casmurrice, e do meu silencio; o porque deixei cair o chapéu, o modo por que dei o pezo ao bolieiro, tudo as divertiu infinitamente, e a mim tambem. Tornamo-nos desde logo amigos; mas ainda me faltava esclarecer um ponto. Porque me pozeram fóra da carruagem? Ninguem o poz fóra, replicou sorrindo o sr. S. P. Como V. S.^a pedia perdão da má companhia, tanto eu como minhas sobrinhas entendemos que se despedia de nós e mandei parar os cavallos.

Porque serie de equívocos, e por que trances dolorosos passa um pobre viajante!... Se as senhoras S. P. lorem estas paginas recebam os meus affectuosos cumprimentos e riam ainda mais uma vez das minhas comicas aventuras. Riam-se como então, que *je ne me fache pas; je suis un malheureux!*..

CAPITULO XI.

O auctor invergonha-se de andar a correr mundo sem que lhe succeda uma aventura amorosa. Perde o gosto de fazer observações sobre monumentos e começa a infastiar-se da vida. A sua leitura favorita é Werther, e Antony. Come pouco e não dorme quasi nada para adquirir uma palidez interessante. Adoece de somno e de fome. Fica magrissimo em poucos dias, mas não consegue inspirar nenhuma paixão. Reveste-se de um ar de piegas, e lança-se á procura do sentimental pelos cemiterios. Romantismo.

Se eu fosse como certos escriptores que se não descrevem a si senão como mo-delos de moralidade, de intelligencia e de gravidade, attribuindo aos outros todas as suas más paixões, tinha agora uma occasião excellente para lançar sobre algum conhecido os meus ridiculos, e reservar para mim o papel de conselheiro, ou de falso protector que é o mais odioso que se pode representar, mas o que parece melhor. A minha divisa, porém, é a verdade. Que me importa *ce que dira le monde?* Porque o mundo vê tudo superficialmente, devo eu mentir para lhe agradar? Não quero! Antes de tudo a verdade. Assim já o leitor sabe que eu não disfarço os meus vicios nem as minhas virtudes; e o meu maior defeito é dizer em voz alta o que os outros dizem só consigo. As boas obras que faço é que procuro ás vezes occultar, por que o ordena a escriptura santa, mas confesso publicamente os meus erros em signal do meu sincero arrependimento.

Podia muito bem calar a narração de certas aventuras, como as que vão ler-se; ou attribuil-as a outro, mas prometti contar ao leitor tudo quanto me succedeu na minha interessante viagem, e não quero mentir nem faltar. Feito este exordio, que de certo despertou a curiosidade geral, prossigamos na maravilhosa descripção dos meus altos feitos.

Estava no Porto havia quasi um mez; tinha visto os passeios, os edefícios, os theatros, e os arredores. Tinha visitado os principaes monumentos, ouvido missa em quasi todas as igrejas; tinha conhecido quasi tudo quanto a cidade possuia de bom, de soffrivel e de pessimo; tinha encontrado mais de seiscentas mulheres formosas, em todas as escalas sociais, cifra enorme para um paiz como o nosso! Todos que me conheciam no Porto, moços e velhos, me davam demonstrações da mais cordial amizade; to-

dos dezejavam tornar-me a sua terra agradável, e me obzequiaram mais do que eu o merecia! Pois, meu caro leitor, sabe que eu não vivia contente. Em todas as obras de viajantes que tinha lido ha sempre mais ou menos intrigas amorosas. O viajante inspirou aqui uma paixão, alli outra, duas mais adiante! Se correu as Indias endoideceu todas as mulheres da costa do Coromandel; se viajou na Africa os arabes, tão ciosos de tudo, offereceram-lhe as proprias amantes, se no Brazil as tapuias lançaram-se se a nado atrás do seu navio! E viajando na Europa contam as aventuras amorosas pelo numero de logares por onde passam. O viajante é um ser á parte no meio da creação (dizem-no elles); e é a sua mesma qualidade de viajante quem o reveste do profundo e misterioso interesse que inspira ás mulheres. As donzellas fazem-lhe declarações de amor, ardente como os volcões, vago como os fantasmas; porém o viajante não pode amar (são ainda os desalmados que falam!) senão o espaço; a necessidade da sua vida é a imensidade dos mares ou a vastidão dos desertos. O viajante não tem outro prazer senão ver imbeber-se o terreno sob os pés do seu cavallo, ou as ondas dos oceanos sob a proa do seu navio. O viajante não precisa de amor, precisa de mundos, muitos mundos; para elle devorar!..-

Isto dizem elles todos ás mulheres que os amam no decurso das suas viagens; ora como eu tambem andava a correr mundo, sentiame extremamente humilhado, de que nenhuma mulher tivesse vindo fazer-me a sua declaração de amor! Não me passava pela cabeça, que os viajantes que eu tinha lido fossem capazes de mentir, e julgava-me tão digno de inspirar uma paixão como qualquer d'elles. O despeito começou a flagelar-me sem piedade. Perdi o gosto de fazer estudos e observações sobre os monumentos do Porto. Passava horas esquecidas na ponte pensil a olhar para as aguas do Douro, que, segundo a opinião do Padre Agostinho Rebello, inspiram melancolia a quem não póde apanhar os salmões e os saveis, que abundam n'aquelle rio. A minha necessidade era tornar-me melancolico, na esperanza de que alguma leitora de *Anna Radcliff* reparasse em mim. Mas o meu character repelia inergicamente a trizeza. Eu engordava a olhos vistos; e o meu alfaiate havia-me prevenido em Lisboa, de que me fazia as calças largas, porque me achava disposições para vir a ser barrigudo! Aborreci-me da vida e tive tentação de me fazer jornalista. A minha leitura favorita era o *Werther*, e o *Antony*. Aquelles dous grandes livros onde a paixão atingiu o sublime da pieguice amorosa, provocavam-me o somno! Frequentei os bailes e os soirées; tornei á Foz e fiz-me espectador effectivo dos banhos; seguia com furor a todas as mulheres que olhavam para mim, mas foi tudo inutil. Principiei a comer pouco, e a não dormir quasi nada. Era um meio desesperado que punha em pratica e se esse falhasse tambem, suicidava-me, não tendo morrido de fome e de vigilia, era-me indispensavel que alguém se apaixonasse por mim, e não haveria recurso que eu desprezasse para o conseguir. A falta de comida e de somno fez effecto: um effecto horroroso!.. Em toda a parte em que me achava sentia fecharem-se-me as palpebras involuntariamente. Andava a cabir de somno e de fome! Em menos de oito dias fiquei magro e cada-verico como um personagem de *Anna Radcliff*, que esteve um mez a pão e agua nos tenebrosos subterraneos dos seus romances! Mas ainda assim não recebi nenhuma declaração de amor! Era atroz!

Porém hoje resta-me a satisfação de ter creado mais um *genero*, *palpitante* de interesse, para os românticos descabellados. Não-comer nem dormir para inspirar amor! É Bello!

Quando vi também abortada esta magnifica experiencia perdi inteiramente as esperanças. Louco! desanimar assim, como se o romântico não fosse um campo tão vasto para as evoluções de arte! — Esta ideia fez desaparecer o desalento que se apoderava já da sua preza. Depois de alguns minutos de profundo recolhimento levantei-me ardente de inspiração e de alegria. *Eureka!* Não é alchymista quem o não sabe ser. Oh! divina e maravilhosa escola romantica, oh! arte santa de dominar o impossivel, tu fizeste do homem um Semi-Deus!

Já vê o leitor que eu estava cheio de enthusiasmo, e agora ouvirá a boa razão que para isso tinha, Occorreu-me o revestir-me de uma affectação de tristeza piegas, e lançar-me á procura do sentimental pelos Cemiterios! Este meio devia infalivelmente dar bom resultado, ou então não havia no Porto nenhuma mulher romantica.

Impossivel! qual é a terra que as não tem? — Oh! como é doce a idéia de ser amado por uma mulher que vai meditar á sombra do cypreste! cypreste, arvore da minha paixão, salve!... Se eu encontro uma mulher sentimental, ajoelhada sobre a pedra fria dos tumulos, espalhando as folhas tristes de uma saudade na campa de um primo querido!... Loucura! desvario! embriaguez dos sentidos!... Eu quero morrer aos pés d'essa mulher! Deixa-me morrer a teus pés, filha dos mausoleus e do cypreste! Deixa-me espirar, beijando a fimbria dos teus vestidos perfumados de rainunclos mortuarios! Amortalhame com os teus beijos de marmore e cobre o meu cadaver com as tuas azas de anjo! Por que suspiras, donzella da morte? Maldição!!! Os meus olhos estão envidraçados, mas tu volves para o mundo cubichosas vistas! Ai! chora comigo, que a nossa vida é um sonho! Não sentes o arfar da terra que digere os corpos? Ai! amanhã, flor do sarcophago estarás pendente da haste emurchecida, e no outro dia serás levada pelos ventos da noute para lonje da terra sagrada!...

O Amor no cemiterio!!! Oh! benefica esperança d'uma alma atribulada, não me abandones! O amor no Cemiterio! Estou com veia para escrever dez volumes de sentimento sobre este assumpto! — Oh! meu destino! dá-me a paixão entre as campas, e podes matar-me depois! O que vale a vida sem o amor sentimental? Esse amor que se falla n'um mundo de seres desconhecidos, que sae do vulgar, e que respira o habito dos mortos, amor em que a mulher participa da Nenia e o homem do Vampiro? Amor cinerario fatal, misterioso, unico eu preciso conhecer-te e heide conhecer-te! — Ao Cemiterio...

(Continúa.)

F. G. D'AMORIM.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

(Continuação.)

O *Spectator* atravessou a posteridade em quanto o *Catão* pertence mais particularmente ao dominio dos eruditos, e em quanto a *Campanha*, pequeno poema em que Addison glorificou o duque de Malborough, o maior capitão d'aquelles tempos, adormece no qua-

si geral esquecimento dos proprios sabedores de coisas litterarias.

Apesar de que o tempo e a moderna revolução litteraria, rebaixou, nos juizos da critica imparcial, as apreciações exaggeradas do decimo-oitavo seculo, o *Catão* de Addison, pela regularidade classica do seu plano, pelo desenho correcto e vivo colorido dos seus personagens, pela engenhosa antithese das paixões, e sobre tudo pela belleza dos seus versos, que por vezes raiam no que ha de mais sublime na poesia tragica, merece ainda um dos mais distinctos logares na scena ingleza.

No seculo passado, em que foi moda menospresar o theatro nacional de cada povo, para assim lhe inocular a imitação franceza, sob color da arte antiga restaurada, o *Catão* de Addison, citou-se e applaudiu-se como a primeira tragedia do culto e litterario theatro britannico. Shakespeare que ainda era pouco familiar aos criticos e poetas do continente, foi intimado a ceder o primeiro logar no panthéon dramatico ao que chamavam restaurador da scena ingleza. Voltaire, que era parcial como o são sempre os homens de *muito espirito*, e facil de enthusiasmar, como todos os grandes talentos, disse d'elle algures no prefacio de uma das suas tragedias que « Addison entre os inglezes, assim como Racine em França, fôra o unico que depois dos gregos conhecêra e usára esta poesia de expressão, e esta elegancia continuada, que embellecem a natureza sem nunca a desfigurar.» A *Encyclopedia*, este immenso repositório de erudição e de critica, aonde a verdade se enreda a cada passo com o sophisma partidario, e onde a philosophia, por vezes, á força de esmeulhar a analyse, cae no preconceito, de que timbrára em se affastar, a *Encyclopedia* talhou n'esta laconica sentença as mais gloriozas palmas que a um escriptor pôde jámais sagrar a posteridade.» O seu *Catão* é o maior personagem, e a sua tragedia a mais bella de quantas jámais se deram em nenhum theatro do mundo.»

A escolha do *Catão* para assumpto da tragedia portugueza era como que um repto em que o poeta portuguez desafiava a gloria do seu emulo britannico. Garrett porém, fugindo á imitação e ao plagiato que em tempo lhe imputaram, soube sem trahir a magestade classica do «ultimo dos romanos» ageitar-lhe tunica mais graciosa e soltar-lh'a em prégas mais phantasiozas e mais livres do que o permittia o rigor da pragmatica antiga e a affectada severidade da escola raciniana.

Houve uma mulher, cuja celebridade litteraria não foi bastante a escurecer o moderno esplendor das Stael e das George Sand, que já no seu tempo em que imperava sem rival pela agudesa das suas apreciações e pela vivacidade do seu espirito, profetisou á musa de Racine, então ainda admirada com idolatria, a abdição do diadema tragico diante dos modernos cultores da scena romantica. Madame Sevigné disse «La mode d'aimer Racine passera comme la mode du café». O prognostico não saio de todo o ponto veridico. Nem Racine passou inteiramente, nem o café perdeu um ápice dos seus bem ganhados fóros de bebida universal. A verdade está porém em que Racine, que era a manifestação de um só dos aspectos do theatro, teve descendentes litterarios que lhe renegaram o culto e lhe deslustraram a memoria, e outros, que, mesclando n'um bem entendido eclectismo, as bellezas do theatro classico e as da scena romantica, preferiram a verdade dramatica á veneração das tradições e á authoridade dos antigos.

D'estes ultimos foi Garrett no seu *Catão*. Para ser

fiel observante do rito raciniano, era mister não haver degustado uma vez ao menos as bellezas de Shakespeare. Quem um dia por acaso, com o estro ardente de verdadeira inspiração, houver lido o Hamlet, o rei Lear, Macbeth, ou Julieta e Romeo, sentirá um raio de intima luz relevar-lhe subitamente que o bello e o sublime podem manifestar-se sob um aspecto novo e diverso das regradas fórmas de Racine e do estylo elegante mas artificial do theatro classico francez e italiano. E o que não dirá logo o instincto, se depois de termos visto os romanos de Paris e de Versalhes aprimorar requebros e aguçar conceitos e antitheses nos *Horacios* de Corneille, ou na *Berenice* de Racine, a rude mas ideal musa de Shakespeare nos levar em espirito ao fóro de Roma, nos mostrar Antonio despregando a tunica de Cezar ante o feretro do dictador, e concitando na artificioza mas valente eloquencia do triumviro futuro a compaixão das turbas e a vindicta popular? Os heróes de Racine podiam existir; os de Shakespeare vivem e fallam como se o genio os evocasse do sepulchro. A musa classica fére apenas o espirito, a romantica elevando o espirito, inflamma ao mesmo tempo o coração. É a differença da imitação ao original. Racine pinta os heróes, contornando-os pelo debuxo dos tragicos antigos. Shakespeare, que entrevê os vultos heroicos, por entre o nevoeiro da sua deficiente erudição, completa-lhe a imagem por esta especie de poder divinatorio com que o genio de Cuvier, animando ossadas incompletas com a scintilla divina do talento, povoava as selvas do mundo primitivo com gigantes e desconhecidos animaes. Shakespeare é como o zoologo francez recompõem pelo instincto do genio os homens de outras eras.

(Continua.)

J. M. LATINO COELHO.

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

VI

A VAIDOSA

Disse o rei, que mais soubera,
Na longiqua antiguidade,
Ser nosso vicio primeiro
Vaidade — tudo vaidade.

A vosso eterno preceito,
Grande immortal Salomão,
Prestando justa homenagem,
Farei nova ampliação.

Nos homens tudo é vaidade,
Que, inda quando os não houver,
Vivirá na sepultura,
D'elles não — mas da mulher.

Da mulher, que Deus creára,
Para agradando vencer;
Diz-lhe pois a natureza,
Sempre, e só vaidosa ser.

Vaidade, em homem repugna,
Em mulher é condição;
O que n'aquelles é culpa,
N'ella, é naturalcôndão.

Mas, se vaidade as não culpa,
Por que d'ellas sou censor?
Porventura, o que hoje escrevo
Será *satyra-em-louvor*!

Não. Mas dar golpes, a fio,
Disse, — em homens, e já cinco...
O sexto, á mulher — que é justo;
E eu com justiça não brinco

Seja assim. Por deferencia,
De seu vicio natural
Direi só: culpando-a em parte,
Sempre digo, o menos mal.

Vês aquella senhorita,
Tão atreita a convulsões,
Que soluça, chora, grita,
Em revoltas contorsões:
Niveos seios arquejando,
Olhos, bocca revirando;
Medicos, cirurgiões,
Um e todos enganando;
Que já vendo-a, capitulão
De *convulsivo* — *nervosa*,
O que apenas é *cheliqúe*
Ou doença de vaidosa!
Tão vaidosa, que no ponto
Em que o baile mais se atea
Lá solta um ai, cambaleia,
O desmaio acóde prompto;
Vê-la a todos dá cuidado,
De todos colhe attenção,
Seu nome é ponto obrigado
Da geral conversação?
E amanhã commemorado,
Em verboso folhetim,
Que nem mesmo hoje, sem elle,
Fica o baile mais chinfrim.

E a magrinha, que enraivece,
Se mais cheia não parece;
A magreza natural
Põe espeque universal,
D'algodão, que, em grossas pranchas,
Mais ou menos sobrepostas,
Aqui peito, acolá costas,
Tudo, tudo lhe vão dando;
E assim muitos enganando.
Por fóra vasto colosso,
Por dentro só pelle e osso!
— Quantas formas graciosas,
De curvo, brando contorno,
Em prospecto comparaveis,
A melhor obra de torno,
Outra couza mais não são,
Que pastijos d'algodão!

E a de face rubicunda,
Cujas vozes naturaes
Lh'invejão muitas rivaes:
E ella, tonta, que as regeita,
A palidez dezejando,
Que diz côr, tão só perfeita,
De mais chiste, mais interesse,
Como se algum dia houvesse...
Haveria, mas duvido;
Com seus rostos amarellos,
Denza Venus, ou Cupido!
E depois de bem polkada,

Bem dançada, bem suada,
Toda a face acceza em chamma;
Vê-la córre ao toucador,
E em chapadas d'agua fria,
Molha o rosto — perde a côr:
Fica pallida, — a louquinha,
Que se illude d'esta sorte,
A saude arruinando,
Pela morte assim chamando
Ai delirio de vaidade. . . .
Inda mal, que sois verdade!

E moçoila rochunchuda,
Forma simples, mas bojuda;
Que, por gorda não tem graça:
Cada braço uma botija,
Cada perna, uma cabaça;
Baixo corpo azabumbado,
Que... confesso o meu peccado,
Será typo de valia,
Para alguém: por mim, diria
Ter-lhe pouca simpathia. . . .
— Essa, então, vê-la entalada,
D'alto a baixo, em barbas, cintas:
Opprimida, espartilhada,
Por detraz, e por diante:
Como paio d'Alemtejo,
Enleado de barbante.
Todo o corpo, um vergão roxo
Do geral, estreito arroxado;
Antes hirto que direito. . . .
Seu andar, seu movimento
Emperrado, contra feito:
Como cepo, que inteiriço,
Só caminha d'arrastado,
E não anda — vae levado.
— E ás vezes mesmo cazada,
E no estado *interessante*
Quem diz, não vae por diante
Na mania compressorã,
Que mais, que a saude adora?
Ao contrario, seus apertos,
Em vez d'afrouxar, duplica;
Anda o corpo em pelotica:
Já molhando atacadores,
Que assim, menos desenfiam:
Já membrudos servidores,
Os creados, o gallego,
Chamando: — que só portiam,
Em o corpo lh'apertar,
Cuide embora d'estallar!
O seu natural estado,
Assim cobre, assim occulta,
Vindo á louca, em resultado,
Dos barbudos espartilhos,
Ter mōnos, em vez de filhos!
— O ser gorda é seu martyrio,
E a tanto chega o delirio,
Que, se priva das comidas,
Em substancia mais fornidas:
E lida, caminha, sua,
Sangra-se, põe-se a dieta,
Bebe vinagre, jejua...
E quando — triste vaidade!
Se despoja da gordura,
Vel-a cãe na sepultura!

E *raria* namoradeira,
Só constante em seu fadario:
Galanteios attendendo:

Mais que as contas d'um roزاریo,
Que os días do calendario...
Tem as horas divididas
Do serviço namorante,
Ora, cartas expedidas,
Logo cartas recebidas;
Com seu móte, cada amante,
É por ella registado,
Onde, e quando despachado.
Verbi-gratia: — ás duas horas.
Vem do quartel — vae jantar,
O *primetro* militar.
Da janella da Travessa,
Visto — até que volte esquina.
— Ás quatro — que não esqueça.
Hora, que toda pertence
Ao lepidio Amanuense.
Quem, sãe da repartição,
Tão caçado — bem merece
Um momento d'atención. . . .
— Veja a sua namorada.
Na janella de sacada —
— Ao lusco fusco, o agiota
Encontra-se co'o janota.
Serão vistos do mirante:
Como é ponto, mais distante.
Ao mesmo tempo, attendidos
Podem ser. Os meus acenos.
Serão d'ambos respondidos.
— Quem não viu, tiro certoiro,
A dous passaros dar morte.
E ferir inda um terceiro?...
— Ás onze passa o barão:
Aravia de minhoto,
Mal montado, sempre a choto;
Modos, gestos de balcão:
E mais feio do que um nico...
Mas se em trôca, elle é tão rico!
— Entrevista especial
Junto ao muro do quintal —
— Onze e meia á meia noute —
Um deputado, outro artista,
E o terceiro jornalista
Á mesma hora, todos tres...
Se fosse um por cada vez...
Eu, se um d'elles despedisse...
Despedir! que parvoice!
Quem? o artista, que o retrato
Meu, vai pôr lithographado
Lá, nas lojas do Lavado,
Margotteau, Silva, Fonseca:
Nas do Verissimo, á joeda,
E defronte da Horta Secca!
Qual? o meu periodiqueiro,
Que, em seus artigos promette
Louvar sempre o meu *toilette*,
Prestar-lhe horas de primeiro!
Qual, enfim o deputado?...
Bem sei, que respira essencia
D'alarve, não de sciencia.
Mas diz — votos! — apoiado! —
Com mais força, mais polmão.
Que cem tiros de canhão:
Acompanha sempre, ao chá
O ministro, quando o dá...
E depois — quem mais do que elle
Generoso? — isso não há:
Que por voto da *nação*,
Prometteu-me uma pensão...
— Todos tres a igual hora.

Abordem, venham embora:
 Que, o artista da janella,
 O deputado na salla,
 O terceiro na cancella,
 Hão-de todos vir á falla,
 E nenhum hade ir sem trela.
 Assim namoro-sedenta,
 Dos galanteios, a serie,
 Mais, e mais, ella accrescenta:
 Attendendo velho e moço,
 Este, porque não é feio,
 Outro, porque tem caroço:
 E em seu desejo vehemente,
 Se tivera, o d'hoje em dia,
 Exercito do Oriente,
 Ao pé d'ella, bem defronte...
 Derrico, por si daria,
 Às tropas do Piemonte,
 França, Inglaterra, Turquia;
 E se, em melhor posição,
 Por exemplo, — n'um balão,
 Visse um, visse outro arraial,
 A todos dava signal!
 — É livrar d'esse máu sestro,
 Vaidosa — que a vosso mal,
 Perdeis fama, e casamento,
 Perdeis muito, — que a final,
 Depois de louca porfia,
 Chega a idade; e vós?... sois thia!

E velha de sessent'annos,
 Que esconder procura, tenta
 O sello dos desenganos:
 Já patente, em fundas rugas,
 Quesilia das tartarugas;
 No lombudo joanete,
 Para o qual não ha *toilette*,
 No cabello, que branqueja,
 Ou peor quando calveja:
 Nos seios, que s'esturricam,
 Em ossos, em cordoveias,
 Que s'esbrugam, que s'esticam;
 N'uma rara dentadura,
 Na côr baça outrora alvura...
 — E quem diz, que horrendo espectro
 Supponha, pense, acredite,
 Que das bellas tem o sceptro!
 E suppõe, e pensa, e crê:
 Sim, que em letras de vaidade,
 Ninguem seus defeitos lê:
 Nem vaidosa, em proprio espelho,
 Viu jámais um rosto velho.
 — Assim, franzida carcassa,
 Mil recursos d'arte esgota!
 Por fingir perdida graça,
 Tudo faz, até batota!
 — Como, em fôrma o pão de ló,
 A cabeça meite, gruda,
 Nas pastas d'asp'ro chinó:
 Que segura em molas d'aço:
 Dando geitos ao cabello,
 Com pevides de marmello,
 Pinta o rosto d'alvaiade,
 Dá-lhe toques de carmin,
 E de cara fica assim!
 Dentes do melhor marfim,
 São joias d'esse thesouro,
 Que, em Lisboa pendurado
 Se vê, na rua do Ouro.
 Pois se baixarmos ao côlo...

Esse então é puro dólo!
 Em crêmes, lava, e relava
 O pescoço enverrugado:
 E depois, que puxa, eleva
 Bambo seio entresilhado,
 Finge o resto — é quasi tudo!
 Com tal arte, com tal geito,
 Que a vista, julga-o perfeito!
 Cada um — almofadinha
 De *calote*, em fôrma e essencia,
 Cheios de sêmea, ou moinha!
 E o demais?... Alto. Silencio...
 É tão escabrosa a téla,
 Que não recebe aguaréla.
 Antes esboço incompleto,
 Que perder por indiscreto.

Cesse a *Vaidosa* — Por hoje...
 Pois fica encetada apenas.
 Typo de mais varias scenas,
 Não sei d'elle: o do xadrez
 Author, que calculou tanto,
 Aqui não dissera o quanto.
Vaidosa — até outra vez.

Maíra. — Março, 1856.

J. DA C. CASTELLES.

FASTOS AÇORIANOS.

Dos romanos pagãos escreveu Ovidio doze livros de *Fastos*, de que apenas nos resta metade. Muitos depois d'elle, sob nome e forma varia, tem emprendido obra analoga a respeito d'outros povos. Só nós, para sermos portuguezes em tudo, esquecemos que o que nos pôde aviventar mais a vida moral é alguma recordação d'outros tempos falsa ou verdadeiramente mais festivos.

Os *Fastos Lusitanos*, esses ainda não heve quem os escrevesse. Filinto pensou n'elles, mas, faminto e desajudado foi um pensamento mais que lhe gorou, e que concorreria por certo a enriquecer o não pequeno thesouro de poesia e de linguagem, que com zelo e virtudes tão patrioticas deixou á geração presente. Ainda assim o poeta desterrado chegou a lançar fundamento ao primeiro livro d'esse poema nacional, em que queria dar conta das nossas festas christãs, das nossas romarias, cirios, festejos que as acompanham, e outros ritos, que são do nosso uso e em que pretendia «consagrar... os usos que recebemos de nossos maiores, ou os que nós instituímos.» Toda a infelicidade foi não concluir a empreza começada, que assumpto era aquelle muito do seu paladar, e para que era homem de forças: optimo sairia o poema, que não era Filinto improvisador de sensaborias, que ao capricho infantil de parecer romantico, sacrificasse a verdade e a tão amavel singeleza da nossa poesia nacional. Paciencia. Jágora deixemos em paz o padre Francisco Manuel do Nascimento, e não sonhemos mais em *Fastos Lusitanos*, que estão por escrever.

Mas por que se não hão de escrever?

Não ha ver n'isso difficuldade, senão falta de dois dons, que raramente andam juntos e em acção: saber e vontade.

Convertendo em escriptura os fastos açorianos, concorremos como podemos, e com o que podemos para auxiliar quem emprenda o trabalho geral. A benevolencia dos que nos lerem hade desculpar

as faltas do ensaio á conta do patriotico desejo com que o empreendemos, e do esforço que n'elle pozemos. Lançamos á terra semente, que melhor lavrador saberá amañhar com tacto e experiencia, para colher d'ella fructo mais saboroso.

I

CANTOS DE JANEIRO.

Mal da Aurora, no seio apavonado,
A luz aponta, que nos abre o dia,
E as portas se descerram do anno novo :
Alado enxame de gentis idéas...

A mente assaltam dos mortaes despertos.

FILINTO— *Dos Fastos.*

Anouteceu. Repiques e tanger de sinos chamam ao templo, e convidam ao *Te Deum* do fim do anno. É o dia de S. Silvestre que espira, sepultando na voragem do passado o anno velho, com suas alegrias e penas, com suas esperanças e desencantamentos.

Agora, que são e salvos escapámos do naufragio, e revertemos de mais uma viagem d'anno, demos graças ao senhor da vida e da morte, do raio e do trovão!

Senhor, no anno que de novo vae abrir-se daenos guia e boa-estrella.

Esperamol-o : que a luz da esperança é a ultima que se apaga na vida, e depois d'ella não ha senão a ceifa da morte.

Como em todos os que esperam se reflecte hoje uma alegria contagiosa! O ocio do *Natal* que passou, as *Janeiras* que em pouco terão musicas e descantes, mantem os animos em fogo e jocundidade. De tantas cabeças descobertas, que entraram, nenhuma houve que ao sair do recinto sagrado não levasse a alma mais aquecida, pelos lumes do santuario: mais suavidade e harmonias colhidas nos sons melodiosos do canto, que os echos multiplicaram por ouvidos e corações. O que entrou tibio e desconfiado, saiu do templo reforçado e seguro. A felicidade que de tão maus foros gosava no tribunal do seu juizo, já se lhe não afigura aquella possessão escabrosa, solitaria, sem praias no meio das ondas, que jámais se encontra e pôde abordar perdida que seja uma vez. Esqueceram agouros e presentimentos; confia-se no futuro que sorri. Se o crer é tão consolador!...

Emmudeceram musicas e vozes, e jaz deserto o templo.

Meia noite! Novo mez e novo anno se abriu com o primeiro instante d'um novo dia.

Le passé n'est pour nous qu'un triste souvenir:
Le présent est affreux s'il n'est point d'avenir.

Janeiro chama *Janeiras*. Á rua, á rua, bando inquieto e ancioso de *Janeireiros*!

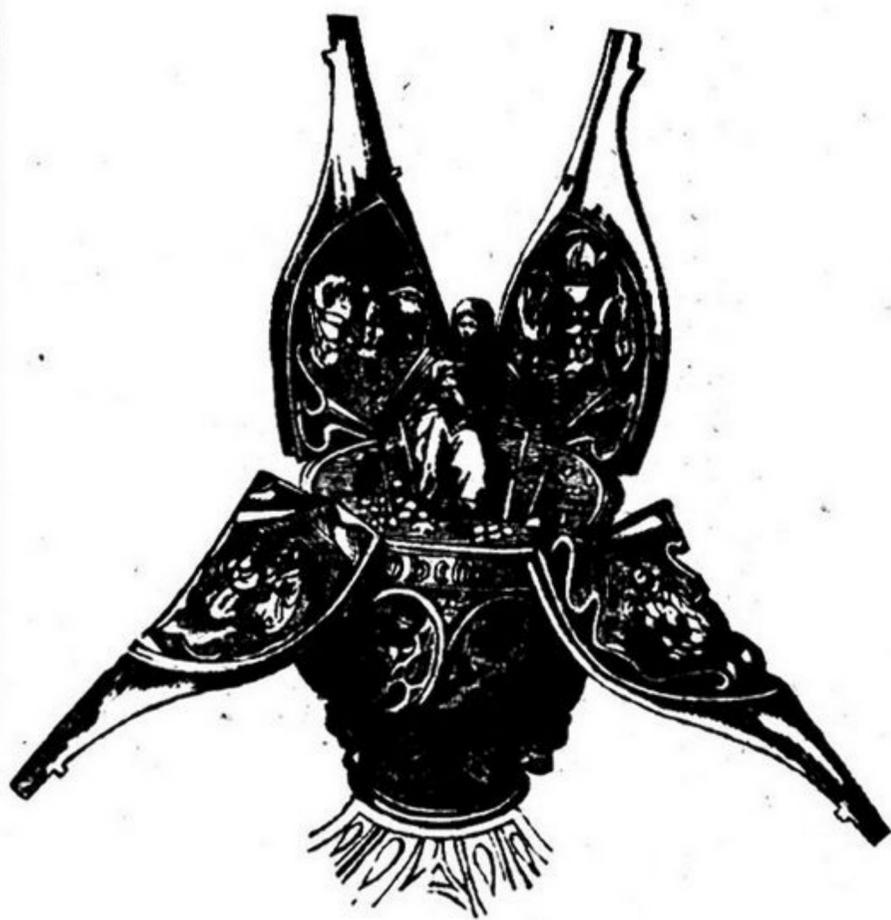
A viola, a rebecca, o pifaro, soltam sons estridentes. Chusma de curiosos acompanha o tanger por casa d'amigos e conhecidos. Em troco de descantes, os bons devotos.

... os olhos fitam
No fresco lombo, no adubado sangue
Do turgido chouriço...

D'aquí fartes, d'ali caseiros bolos...
Desemborcam, rôlando atropellados.
Sobre a fumante mesa...

(Continua.)

J. DE TORRES.



RELICARIO HESPANHOL NO XV SECULO.

Esta obra, lavrada em madeira, é coberta de figuras, de ornatos e de inscripções latinas. No cimo da tampa ha um pelicano, symbolo do Redemptor, que se offerceceu em holocausto pela salvação do genero humano: por baixo vê-se uma ordem de ornatos que são por metade do estylo romano, e por cima outra ordem no estylo gothico do XV seculo. O interior da tampa abre-se em quatro partes que imitam quatro folhas, e descahindo mostram nas cavidades quatro passos da vida da Santa Virgem, bem cinzelados: a saber: a Anunciação, a Natividade, a Adoração dos pastores, e a dos reis Magos. A Virgem está figurada no meio das quatro folhas, assentada e tendo o menino nos braços. Uns espinhos cravados em redor são talvez uma allusão a estas palavras do cantico dos canticos: *Sicut lilium inter spinas*, como a açucena entre os espinhos; pôde tambem ser que fosse uma formula vocativa para agradecimento de alguma cura. As quatro folhas abertas, é o que representa a estampa.

O vaso principal é repartido em seis partes iguaes apresentando na face externa em nichos gothicos, diversos passos, a flagellação de Jesu-Christo, quando Pilatos o mostrou aos judeus etc. Por baixo desta galeria ha um circulo, que tem esculpidas em bellas letras *tuam crucem adoro*.

Este relicario pertencia em 1844 a Mr. Bullock, possuidor de uma preciosa colleção de antiguidades da idade média. M.

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commo.